

MINISTÉRIO DA CULTURA, GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA,
ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS,
E FUNDAÇÃO OSESP APRESENTAM

o | s | e | s | p |

Orquestra
Sinfônica do
Estado de
São Paulo

Temporada 2024

Osesp 70 anos

28 de abril

28 DE ABRIL, DOMINGO, 18H00

VÍKINGUR ÓLAFSSON PIANO

JOHANN SEBASTIAN BACH [1685-1750]

Variações Goldberg, BWV 988 [1741]

Ária

Variação 1

Variação 2

Variação 3

Variação 4

Variação 5

Variação 6

Variação 7

Variação 8

Variação 9

Variação 10

Variação 11

Variação 12

Variação 13

Variação 14

Variação 15

Variação 16

Variação 17

Variação 18

Variação 19

Variação 20

Variação 21

Variação 22

Variação 23

Variação 24

Variação 25

Variação 26

Variação 27

Variação 28

Variação 29

Variação 30

Ária da capo

55 MINUTOS

JOHANN SEBASTIAN BACH

EISENACH, ALEMANHA, 1685 – LEIPZIG, ALEMANHA, 1750

Variações Goldberg, BWV 988 [1741]

“Para os amantes da música, para refrescar seus espíritos”: SOBRE TOCAR AS VARIAÇÕES GOLDBERG

Por Víkingur Ólafsson

Nas *Variações Goldberg*, a única coisa capaz de rivalizar com o absoluto domínio intelectual de Bach sobre seu ofício é sua inspirada ludicidade criativa. Em trinta variações, construídas sobre o humilde alicerce harmônico de uma ária simples e graciosa, Bach transforma um material limitado em uma infinita variedade de um modo nunca antes feito ou jamais repetido. As *Variações Goldberg* encerram algumas das passagens musicais mais virtuosísticas já escritas para o teclado, alguns dos usos do contraponto mais assombrosamente brilhantes do repertório e incontáveis momentos de inflamada poesia, contemplação abstrata e páthos profundo — tudo isso integrado a estruturas de perfeição formal imaculadamente moldadas. Em um paradoxo que aparenta fazer sentido apenas à luz da genialidade barroca particular de Bach, a rigidez formal implacável que ele mesmo se impõe acaba munindo-o de uma liberdade criativa sublime — da qual ele claramente desfruta. Quando escrevemos e falamos sobre as *Variações Goldberg*, tendemos a nos concentrar em Bach enquanto pensador arguto, artesão assíduo e arquiteto musical visionário. Porém, quando tocamos e ouvimos as *Variações Goldberg*, é impossível não reparar que estamos também em companhia de Bach, o mestre improvisador alegre, por vezes, extático; Bach, o maior virtuose dos instrumentos de teclas de seu tempo.

As *Variações Goldberg* são a quarta e última parte do *Clavier-Übung*, que Bach publicou entre 1731 e 1741, e que contém as seis *Partitas*, o *Concerto italiano* e a *Abertura francesa* para cravo, bem como a formidável coleção de obras conhecida como “Missa Alemã para Órgão”. Desse modo, as *Variações Goldberg* e sua forma arquetípica podem ser vistas como a culminação lógica de dez anos de exploração das possibilidades dos instrumentos de teclas. Há, contudo, mais espontaneidade na famosa, mas contestada história da origem da obra contada por Forkel em sua biografia de Bach de 1802; a saber, as *Variações* teriam sido compostas por encomenda do conde Keyserlingk, diplomata e aristocrata rus-

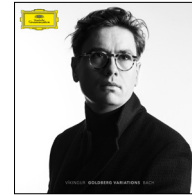
so que queria uma música “de caráter um tanto animado” para preencher suas noites insones. Essa história guarda uma verdade mítica, se não factual. Pois qual música poderia melhor afastar o desespero solitário da insônia (ou, por extensão, da própria existência humana) senão as *Variações Goldberg*, embaladas pela regularidade reconfortante e pela novidade estimulante? Outra peculiaridade saborosa dessa história (e, com certeza, um dos motivos para duvidarmos de sua veracidade) é que o nome que ficou associado à obra não é o do conde Keyserlingk, mas o de seu cravista residente, Johann Gottlieb Goldberg, cujas noites igualmente despertas atravessava tocando as variações para seu mestre num cômodo adjacente. É difícil não sentir certa afinidade com o jovem Goldberg, aluno de Bach, e não sentir gratidão pelo que parece ter sido um aceno presciente a cada musicista que, desde então, se apropriou da obra (tendo ou não passado noites em claro por conta dela). Pois se apropriar da obra é o desafio perene e singular das *Variações Goldberg*. Enquanto obra “não de uma época, mas para a eternidade” — parafraseando o que diz Ben Jonson sobre Shakespeare —, nós, intérpretes, devemos de alguma maneira sentir que participamos de sua criação, que, de certa forma, a reinventamos para nossos contemporâneos.

Sonhei em gravar essa obra por 25 anos. Como em relação a outras obras de Bach de semelhante dimensão, eu tendia a concebê-las como uma grande e imponente catedral, magnífica em sua estrutura e intrincada em sua ornamentação. Hoje prefiro outra metáfora, que considero mais apta: a de um grande carvalho, igualmente magnífico, mas orgânico, vivo e vibrante, com suas formas tanto responsivas quanto regenerativas, com suas folhas continuamente desfaldando-se a fim de produzir oxigênio musical para seus admiradores em uma espécie de fotossíntese metafísica e atemporal. Ou, nos termos mais realistas empregados por Bach para descrever as *Variações* na capa da edição original de 1741, elas são de fato uma obra “composta para os amantes da música, para refrescar seus espíritos”.

Tocar as *Variações Goldberg* para uma plateia ao vivo é sempre uma grande alegria, mas produzir uma gravação impõe um outro tipo de pressão. Durante um tempo, acreditei que precisava encontrar sua perfeição formal por meios matemáticos, medindo as marcações de andamento de cada variação com o metrônomo à procura das proporções ideais e predeterminando o maior número possível de elementos interpretativos, das infinitas mudanças de dinâmica e inflexões no interior da polifonia à articulação de praticamente cada frase. Na prática, porém, isso tudo

foi por água abaixo, pois, a despeito de toda sua consistência formal, as *Variações Goldberg* não são uma obra musical previsível. Nenhuma das infinitas questões interpretativas colocadas pelas notações reconhecidamente livres de instruções de Bach é passível de ser resolvida automaticamente, por mais que a solução esteja embasada em pesquisas minuciosas. Antes, a obra pede uma espécie de improvisação interpretativa. Como as leis da física que regem o universo, as subestruturas lógicas da obra atuam subterraneamente. Seu sistema sequencial de grupos de três variações, em que uma peça característica é seguida de um movimento virtuosístico com caráter de tocata e, finalmente, por um cânone sobre intervalos crescentes, é impressionante e eficaz por si só. No entanto, pelo menos para mim, a genialidade das *Variações Goldberg* reside não no geral, mas no específico. À medida em que cada variação se desenrola, é preciso estar completamente absorvido pelo drama e pelo afeto inerentes a cada uma delas, se deixar arrastar para dentro de seu microcosmo maravilhoso e se nutrir da alegria de descobri-lo.

O elemento de encantadora surpresa que perpassa toda a obra atinge o ápice na variação final, que não se revela o cânone do décimo conjunto de três que se esperaria do padrão precedente. Antes, Bach nos apresenta seu *Quodlibet* ou pot-pourri, convidando-nos assim a uma espécie de celebração musical fabulosa, dessas que teriam sido as favoritas nas reuniões da família Bach. Nessas ocasiões é que melodias populares da época — sagradas ou profanas — eram tomadas de empréstimo e superpostas em contrapontos impecáveis oriundos de improvisações coletivas. As letras das duas melodias tradicionais presentes nesse *Quodlibet* têm sido apontadas como possíveis indícios jocosos daquilo que se encontra a seguir. A primeira melodia tem sido comumente identificada como uma canção popular cuja letra, misteriosa mas sugestiva, começa por “Ich bin so lang nicht bei dir g’west” [Há tanto tempo que estou longe de ti] — ainda que uma semelhança com uma melodia de origem totalmente diferente tenha sido notada, isto é, com a primeira linha do conhecido coral *Was Gott tut, das is wohlgetan* [Tudo o que Deus faz é bem-feito]. A segunda melodia com certeza é uma variante alemã de uma canção bergamasca italiana, cantada com a letra “Kraut und Rüben haben mir vertrieben” [Repolhos e nabos me afastaram]. “Kraut und Rüben” é uma gíria antiga para confusão ou mistura — possivelmente numa alusão irreverente às variações que nos mantiveram afastados por tanto tempo da ária inicial. Essa convivialidade calorosa e bem-humorada é mais que bem-vinda depois de todas as abstrações e deliberações contrapontísticas — isso para não falar



Escute as *Variações Goldberg* de Bach com Ólafsson também em seu fone de ouvido:



da virtuosidade de dar nó nos dedos que desemboca na cataclísmica penúltima variação. Mas esse *Quodlibet* não é mera piada musical. É um exemplo da plenitude de expressão musical e espiritual de Bach, profundamente humana, mas também divina. É uma música que traz exaltação, salvação e júbilo triunfante ao final de um longo périplo musical. É a Ode à alegria das *Variações Goldberg* — aqui, “Alle Menschen werden Brüder” [todos os homens serão irmãos].

Ao passo que as vozes ressoantes do *Quodlibet* se silenciam, o retorno da ária é a surpresa final, inevitável apenas retrospectivamente. Como ao reencontrar uma velha amiga querida depois de uma longa separação, sentimos como se ela jamais tivesse partido. E de fato, ao menos harmonicamente, ela jamais partiu. Nenhuma nota foi mudada, mas ela mudou — ou, mais precisamente, nós mudamos. Pergunto-me com frequência o quão diferente seria essa obra se Bach não tivesse nos dado essa oportunidade inusual de nos maravilhar uma vez mais com a ária em sua forma pura, original, de saborear essa terna despedida que tanto se assemelha a um recomeço. O que será que estamos vivendo — uma reunião ou uma reminiscência? Sem esse reencontro cíclico, não pensaríamos essa obra enquanto uma tal metáfora intuitiva da condição humana, do modo como experienciamos a vida e a passagem do tempo; não nos perguntaríamos, como o antigo filósofo Heráclito, se é jamais possível entrar duas vezes no mesmo rio — no mesmo ribeiro, no mesmo Bach.

Tradução: **Catherine Carignan** e **Igor Reis Reyner**.



VÍKINGUR ÓLAFSSON PIANO

O pianista islandês Víkingur Ólafsson causou um profundo impacto com sua notável combinação de musicalidade de mais alto nível e programas visionários. Suas gravações para a Deutsche Grammophon — *Philip Glass: Piano Works* [2017], *Johann Sebastian Bach* [2018], *Debussy – Rameau* [2020], *Mozart & Contemporaries* [2021] e *From Afar* [2022] – cativaram a imaginação do público e da crítica e levaram a mais de 600 milhões de reproduções. Em outubro de 2023, Ólafsson lançou seu aguardado novo álbum pela Deutsche Grammophon com as *Variações Goldberg* de J.S. Bach – na temporada 2023-24, o pianista apresenta essa obra-prima em grandes salas de concerto, nos seis continentes, incluindo o Southbank Centre de Londres, o Carnegie Hall de Nova York, a Philharmonie de Paris, a Suntory Hall de Tóquio, o Harpa Concert Hall, o Walt Disney Hall, a Shanghai Symphony Hall, a Tonhalle de Zurique, a Philharmonie de Berlim e a Sala São Paulo. As múltiplas premiações de Ólafsson incluem Instrumentista do Ano [2023] e Gravação Solo Instrumental do Opus Klassik, Artista do Ano da Gramophone [2019] e Álbum do Ano no BBC Music Magazine Awards [2019].

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PEDRO PULLEN PARENTÉ PRESIDENTE
STEFANO BRIDELLI VICE-PRESIDENTE
ANA CARLA ABRÃO COSTA
CÉLIA KOCHEN PARNES
CLAUDIA NASCIMENTO
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MÁRIO ENGLER PINTO JUNIOR
MÔNICA WALDVOGEL
NEY VASCONCELOS
PAULO CEZAR ARAGÃO
SÉRGIO GUSMÃO SUCHODOLSKI
TATYANA VASCONCELOS ARAUJO DE FREITAS

COMISSÃO DE NOMEAÇÃO
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO PRESIDENTE
CELSO LAFER
FÁBIO COLLETI BARBOSA
HORACIO LAFER PIVA
PEDRO MOREIRA SALLES

DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES

SUPERINTENDENTE GERAL
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

DIRETORA DE COMUNICAÇÃO E MARKETING
MARIANA STANISCI

GERENTE DE COMUNICAÇÃO
MARIANA GARCIA

ANALISTA DE PUBLICAÇÕES
JÉSSICA CRISTINA JARDIM

DESIGNERS
BERNARD BATISTA
ANA CLARA BRAIT

+ WWW.FUNDAÇÃO-OSESP.ART.BR/EQUIPE

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR
TARCÍSIO DE FREITAS

VICE-GOVERNADOR
FELICIO RAMUTH

SECRETARIA DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS

SECRETÁRIA DE ESTADO
MARILIA MARTON

SECRETÁRIO EXECUTIVO
MARCELO HENRIQUE ASSIS

CHEFE DE GABINETE
DANIEL SCHEIBLICH RODRIGUES

COORDENADORA DA UNIDADE DE MONITORAMENTO
DOS CONTRATOS DE GESTÃO
GISELA COLAÇO GERALDI

COORDENADORA DA UNIDADE DE DIFUSÃO CULTURAL,
BIBLIOTECAS E LEITURA
ADRIANE FREITAG DAVID

Próximos Concertos

3, 4 E 5 DE MAIO

OESP
DANTE SANTIAGO ANZOLINI REGENTE
GRUPO CORPO

OBRAS DE GUARNIERI, MARCO ANTÔNIO GUIMARÃES E GINASTERA.

9, 10 E 11 DE MAIO

OESP
THIERRY FISCHER REGENTE
TOM BORROW PIANO

OBRAS DE IVES, VARÈSE, BEETHOVEN E VILLA-LOBOS.

12 DE MAIO

TOM BORROW PIANO
E MÚSICOS DA OESP
EMMANUELE BALDINI VIOLINO
SUNG-EUN CHO VIOLINO
SARAH PIRES VIOLA
JIN JOO DOH VIOLONCELO

OBRAS DE DVORÁK E GRIEG.



AGENDA COMPLETA: WWW.OESP.ART.BR/PROGRAMACAO
INGRESSOS: WWW.OESP.ART.BR/INGRESSOS

Algumas dicas para aproveitar ainda mais a música



Falando de Música

Em semanas de concertos sinfônicos, sempre às quintas-feiras, você encontra em nosso canal no YouTube um vídeo sobre o programa, com comentários de regentes, solistas e outros convidados especiais.

Gravações

Antes de a música começar e nos aplausos, fique à vontade para filmar e fotografar, mas registros não são permitidos durante a performance.



Entrada e saída da Sala de Concertos

Após o terceiro sinal, as portas da sala de concerto são fechadas. Quando for permitido entrar após o início do concerto, siga as instruções dos indicadores e ocupe rápida e silenciosamente o primeiro lugar vago. Precisando sair, faça-o discretamente, ciente de que não será possível retornar.



Silêncio

Uma das matérias-primas da música de concerto é o silêncio. Desligue seu celular ou coloque-o no modo avião; deixe para fazer comentários no intervalo entre as obras ou ao fim; evite tossir em excesso. A experiência na sala de concertos é coletiva, e essa é uma das belezas dela.

Comidas e bebidas

O consumo não é permitido no interior da sala de concertos. Conheça nossas áreas destinadas a isso na Sala.



Aplausos

Como há livros que trazem capítulos ou séries fracionadas em episódios, algumas obras são divididas em movimentos. Nesses casos, o ideal é aguardar os aplausos para o fim da execução. Se ficou na dúvida, espere pelos outros.

Serviços



Café da Sala

Tradicional ponto de encontro antes dos concertos e nos intervalos, localizado no Hall Principal, oferece cafés, doces, salgados e pratos rápidos em dias de eventos.



Cafeteria Lillas Pastia

Situada dentro da Loja Clássicos, oferece bebidas, salgados finos e confeitaria premiada.



Loja Clássicos

Possui CDs, DVDs e livros de música clássica, oferece também uma seleção especial de publicações de outras artes, ficção, não-ficção, infanto-juvenis. Inclui uma seção de presentes e souvenirs.



Restaurante da Sala

Oferece almoço de segunda a sexta, das 12h às 15h, e jantar de acordo com o calendário de concertos – mediante reserva pelo telefone **(11) 3333-3441**.

Acesso à Sala



Estacionamento

Funcionamento diário, das 6h às 22h ou até o fim do evento. O bilhete é retirado na entrada e o pagamento deve ser efetuado em um dos dois caixas – no 1º subsolo ou no Hall Principal.



Reserva de Táxi | Área de Embarque e Desembarque

Agende sua corrida de volta para casa com a Use Táxi, no estande localizado no Boulevard. Há, ainda, uma área interna exclusiva para embarque e desembarque de passageiros, atendendo táxis ou carros particulares.



Acesso Estação Luz

Use a passagem direta que liga o estacionamento da Sala com a Plataforma 1 da CPTM, dentro da Estação Luz. Ela está aberta todos os dias, das 6h às 23h30. Garanta o seu bilhete previamente nos guichês da Estação ou pelo celular, usando o TOP – Aplicativo de Mobilidade, disponível na App Store e no Google Play.

OSESP DUAS E TRINTA






Embarque no fim de semana: concertos sexta à tarde na Sala São Paulo por R\$ 39,60.

Série com nove apresentações de março a dezembro
Ingressos em osesp.byinti.com







Confira todos os horários de funcionamento e outros detalhes em:
www.salasaopaulo.art.br/servicos


ww.osesp.art.br

 @osesp_
 /osesp
 /videososesp
 /@osesp
 @osesp

www.salasaopaulo.art.br

 @salasaopaulo_
 /salasaopaulo
 /salasaopaulodigital
 /@salasaopaulo

www.fundacao-osep.art.br

 /company/fundacao-osep/

A capa deste programa foi criada por uma ferramenta desenvolvida pelo estúdio Polar Ltda. especialmente para a Osesp. Ela traduz obras musicais em imagens, usando uma paleta de cores, que ganharam nomes de emoções.

Nesta edição, as emoções são Solidão e Inquietação, a partir de um trecho de *Variações Goldberg*, de Bach.



REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO OSESP
Organização Social de Cultura



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da
Cultura, Economia
e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA
CULTURA



PRONAC: 232471

COMUNICAÇÃO FUNDAÇÃO OSESP, 2024